

Recebido em 23/09/2019. Aceito em 29/01/2020.

O COMBATE DE UMA VIDA-DE-PROFESSORA- PESQUISADORA À REDACIONALIZAÇÃO DA ESCRITA NO ENSINO MÉDIO

THE COMBAT OF A TEACHER- RESEARCHER'S- LIFE TO COMPOSITION WRITING IN HIGH SCHOOL

Viviane Cristina Maruju¹

Sônia Regina da Luz Matos²

Flávia Ramos Brocchetto Ramos³

RESUMO: Este artigo problematiza as práticas de escrita redacionalizadas pelas demandas utilitárias do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Objetiva apresentar uma proposta de combate de uma vida-de-professora-pesquisadora à redacionalização da escrita no Ensino Médio. Para tanto, mune-se dos conceitos de “escritura” e de “biografema” do crítico literário francês Roland Barthes, bem como dos traços do de *inutilizas*, do poeta Manoel de Barros, a fim engendrar pela Política do Texto (COSTA, 2017) um combate às práticas de escrita redacionalizadas nessa etapa da Educação Básica. Tramado metodologicamente ao modo de cenas-biografemáticas de uma vida-de-professora-pesquisadora em uma sala de aula de escola pública; as cenas são parte do combate que propõe pela escritura-biografemática das *inutilizas* de uma língua um escape mínimo às demandas utilitárias do escrever no Ensino Médio.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Médio; formação de professores; biografema; juventude.

ABSTRACT: This article discusses the writing practices that were transformed in composition writing [redacionalização] by the utilitarian demands of the National High School Exam (ENEM). The objective is to present a proposal of combat of a teacher- researcher's life to the transformation of writing in High School to composition. To achieve this, it uses the concepts of “writing” and “biographeme” of the French literature critic Roland Barthes, as well as the traces of the uselessness [inutilizas] of the poet Manoel de Barros, in order to engender, by Text Policy (COSTA, 2017), a fight against the writing practices

1 Graduada em Letras. Mestre em Educação pela Universidade de Caxias do Sul – UCS.

2 Doutora em Educação pela UFRGS. Atua como professora no Programa de Pós-Graduação em Educação e Letras da Universidade de Caxias do Sul- UCS.

3 Graduada em Letras e em Biblioteconomia pela UCS. Doutor em Letras pela PUCRS. Professor e pesquisador na Universidade de Caxias do Sul.

transformed into composition writing in this phase of Basic Education. Methodologically framed in the biographemathical-scene mode of a researcher-teacher's life in a public school classroom; the scenes are part of the combat proposed by biographematic writing of the uselessness [inutilizas] of a language to escape the utilitarian demands of High School writing.

KEYWORDS: High School; teachers' training; biographeme; youth.

1 INTRODUÇÃO

A maior riqueza do homem é sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito.
(Manoel de Barros, 1998, p. 79)

Implicada com as demandas utilitárias da escrita no Ensino Médio, este artigo é derivado de uma pesquisa que tematiza a redacionacionalização do escrever nessa etapa da Educação Básica. A redacionalização da escrita visa a atender as demandas dos processos seletivos de faculdades e universidades bem como as do Exame Nacional de Ensino Médio, o ENEM; tomando o escrever *apenas* enquanto instrumento de preparação para o futuro.

Desse modo, legitimada pela preparação para um futuro de sortidos propósitos, a escrita da redação constitui-se enquanto a principal - quando não a única - situação de escrita no Ensino Médio. Uma ação que tende a redacionalizar não apenas o escrever, como também as vidas implicadas nessas situações de escolarização e de escrita.

O termo redacionalização constitui-se como um conceito que surge dos ensinamentos instaurado pela pesquisa, tendo em vista que a escrita da redação é a principal modalidade de aula pensada para as práticas de escrita no Ensino Médio. Essa prática - repetida e reiterada - mostra-se como uma ação que se repete cotidianamente no currículo escolar, independente das necessidades subjetivas que o jovem tem de dizer e de dizer-se. Assim, nesse estudo, essa escrita obrigatória visando à preparação para o vestibular e para o ENEM passou a se chamar *redacionalização*.

Logo, o objetivo do artigo é apresentar uma proposta de combate de uma vida-de-professora-pesquisadora à redacionalização da escrita no Ensino Médio (MARUJU, 2018, p. 29). Desse modo que, em meio aos vividos costumeiros e acostumados das escritas redacionais em sala de aula que uma vida-de-professora-pesquisadora *ousou* perguntar: como engendrar um combate à redacionalização da escrita no Ensino Médio?

Para o engendramento desse combate, uma vida-de-professora-pesquisadora toma a escritura (BARTHES, 2004, 2012, 2013) e o biografema (BARTHES, 2003)

como aporte teórico bem como os traços das *inutilizas* (BARROS, 2010⁴) para problematizar a conduta posta e esperada pela escola, a fim de engendrar o combate (COSTA, 2017) à redacionalização da escrita no Ensino Médio.

Com base em estudos de Rolan Barthes (2013a), entendemos *escritura* como

[...] a **prática de escrever**. Nela visto, portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua e porque é no interior da língua que a língua deve ser desviada. (BARTHES, 2013a, p. 17, grifo nosso).

A escritura, nessa perspectiva, é um exercício de subversão e tal ação é posta em cena como um ato inerente ao humano. Escrevemos para nos reinventarmos, para nos constituirmos para além do que intentamos ser, sempre em uma relação de inacabamento. Algo que se opõe à escrita mecânica ou ao mero exercício escolar.

Já o biografema, pensando sobre a composição da palavra, ousamos dizer que seria a escritura da vida ou vida escrita. A vida é tomada como matéria da escrita. E a ação de escrever assume lugar de escritura, termo associado a documento público que assegura a posse de um bem imóvel. A escritura, no âmbito da escola, pelo viés do biografema, seria uma ação em que a palavra daria ao autor as rédeas de sua vida pela consciência que a linguagem traz àquele que, por meio da língua, se enuncia, se anuncia. Nessa opção educativa, a escritura é tomada como combate, e o biografema como modo de ler e de escrever as vidas que nos tocam, não é, pois, a aplicação de uma prática para a efetivação de determinada teoria, mas, justamente, o seu revezamento constante; na medida em que, ao ler, eu subverto o lido; a fim de constituir um outro texto que não sintetiza ideias do anterior, isto é, o texto escriturado não apresenta a compreensão do lido, mas coloca em tela a multiplicidade de possibilidades.

A pesquisa aqui tratada nasce do fato de que uma das pesquisadoras atuava a época como docente no Ensino Médio e estava insatisfeita com o modo como a escrita comparece nesse nível de ensino. A insatisfação provocou ações que levaram a buscar outras práticas de escrita além daquelas presentes naquela turma, naquela escola, oportunizando, portanto, a aliança entre a escritura e o biografema, anunciados pelo crítico literário francês Roland Barthes.

O combate de uma vida-de-professora-pesquisadora à redacionalização da escrita é tramado ao modo de cenas-biografemáticas que, enquanto elemento metodológico, tomam como material de estudo os fragmentos dos vividos, acostumados e costumeiros de uma vida-de-professora-pesquisadora em sala de aula. Nesse sentido, as cenas-biografemáticas – esses fragmentos vividos e já naturalizados pela escolarização da escrita – têm a função de disparar o combate aqui mostrados ao mesmo tempo em que potencializam os tensionamentos aos ditames redacionais que assomam a escrita no Ensino Médio.

4 Os traços das *inutilizas* são extraídos dos textos do poeta Manoel de Barros e constituem-se como elemento singular para o engendramento da escritura-biografemática como combate à redacionalização da escrita no Ensino Médio.

Quando uma vida-de-professora-pesquisadora biografema cenas de si e de seus estudantes em sala de aulas, vê-se tomada pelo que Barthes (2003, p. 173) nomeou como uma experiência pura de violência, o que, por sua vez, impossibilita a docente de seguir corrigindo provas, escrevendo no quadro, abrindo portas, fazendo chamada, puxando a descarga, olhando para o relógio à espera do final da aula. Nesse momento, uma vida-de-professora-pesquisadora assume para si a urgência de escrever para além das demandas utilitárias redacionais das práticas escolarizadas já cristalizadas pelas introduções, desenvolvimento e conclusões. Os conceitos de escritura (BARTHES, 2004, 2012, 2013), biografema (BARTHES, 2003) e o traço singular das *inutilizas* (BARROS, 2010) criam condições e possibilidades para engendrar o combate de uma vida-de-professora-pesquisadora à redacionalização da escrita no Ensino Médio.

Esse artigo é, pois, um encontro de pensamentos e de vontades no que tange à escrita no Ensino Médio e seus atravessamentos e contribuições para a formação de professores, tendo em vista que a proposta de combate aqui colocada é tramada por uma vida-de-professora-pesquisadora. Para tanto, traçamos a seguir um plano que visa a situar o leitor em relação ao modo pelo qual esse combate se estabeleceu, ou seja, o combate de uma vida de professora-pesquisadora à redacionalização da escrita é concebido a partir de *duas cena-biografemáticas* e da *escritura-biografemática das inutilizas*. Assim, em meio a tríade: *uma vida-de-professora-pesquisadora, a redacionalização da escrita, e um combate pela escritura-biografemática das inutilizas* a experiência se faz possível.

A *cena 1: uma vida-de-professora-pesquisadora* apresenta a diluição do “tu deves” curricular como condição para que uma vida-de-professora se constitua também enquanto pesquisadora, ou seja, a cena mostra (põe em cena e encena) os questionamentos enfrentados por uma vida que assume para si, em meio a solidão das dores, angústias e incertezas redacionais, que a escrita no Ensino Médio pode também transbordar os ditames da escrita escolarizada e tomar como matéria de escritura-biografemática, a própria vida dos envolvidos (professores e estudantes). A diluição do “tu deves” situa-se no interstício onde o escrever se faz nas beiradas de um viver para além da utilidade infame.

Já na *cena 2: a redacionalização da escrita no Ensino Médio*, temos o rompimento do equilíbrio do universo redacional abalado por uma pergunta que questiona a própria redação enquanto a única experiência possível de escrita no Ensino Médio. Uma pergunta que teve o dom de silenciar uma vida-de-professora, na medida em que o questionamento erigido por um estudante tensiona justamente o modo prescritivo (a posologia redacional) pela qual a redacionalização da escrita se configura; evidenciando uma vizinhança entre a redacionalização da escrita e a medicalização da vida. A voz da estudante ecoa na vida da professora-pesquisadora, tensionando as certezas que carregava na algibeira de si.

Portanto, em meio as duas cenas-biografemáticas, um combate pela escritura-biografemática das *inutilizas* toma uma sala de aula do Ensino Médio, a fim tensionar a besta da escrita (COSTA, 2017) e seus sortidos propósitos de preparação para o futuro. Em tal combate, a leitura e a escrita são práticas indissociáveis

que, tensionadas pelos traços das *inutilidades* de uma língua, instauram um escape mínimo à redacionalização da escrita no Ensino Médio.

2 CENAS DE VIDA

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.

(Manoel de Barros, 1998, p. 79)

Ser professor é um exercício de reinvenção de si e do outro em meio à vida. Ser professor-pesquisador pontencializa ainda mais esse exercício, que passa a ser atravessado por questionamentos e tensionamentos renovados quantos aos problemas de pesquisa. Na esteira desse duplo exercício, este artigo constitui-se pelo estranhamento acerca do vivido na escola, a vida que pulsa numa sala de aula, isto é, uma vida-de-estudante que insiste em transbordar os propósitos de preparação para o futuro. Impõe-se, portanto, a necessidade de dar visibilidade a esses momentos vividos por meio de cenas que tomam as vidas escolares, no dia-a-dia da sala de aula para tensionar uma vida-de-professora que é coextensiva à vida da pesquisadora; não por acaso, a mesma vida.

Nesse sentido, uma vida não se limitaria a uma identidade fixa e fixada. Para Deleuze (2002, p.14), “[...] uma vida esta em toda parte, em todos os momentos que este ou aquele sujeito vivo atravessa [...] vida imanente que transporta os acontecimentos e singularidades.”. Ou seja, a vida confronta-nos constantemente com as suas possibilidades sempre múltiplas. Assim, tomamos a liberdade de partilhar as cenas que desencadeiam a pesquisa apresentada neste artigo.

2.1 CENA 1: UMA VIDA-DE-PROFESSORA-PESQUISADORA

Não aguentava mais ser apenas uma vida que corrigia provas, escrevia no quadro, abria portas, fazia a chamada, puxava descarga, olhava para o relógio sobre a porta e respondia, diariamente, ao mesmo questionamento: “O que terá de lanche hoje, Sora?”. Afinal, esperava tanto quanto os estudantes pela liberdade que o sinal pode propiciar a cada 50 minutos.

Mesmo cansada, seguia explicando a lição que já havia decorado, apontava o lápis que não estava sem ponta, preenchia diários, planejava aulas, atribuía notas, realizava o currículo das comemorações: do dia das mães ao dia do índio tudo precisava ser comemorado (SANTOMÉ, 1998), assumindo resignadamente em meus ombros as pesadas cargas das obrigações e dos deveres sem fim que uma vida-de-professora sabe tão bem suportar ao ouvir a voz curricular dizendo: “tu deves”⁵.

5 Na obra *Assim falava Zarathustra* (2013, p.31) é apresentada as três metamorfoses do espírito demarcadas, cada qual, por um por um personagem e seu modo de existir: o camelo com o “tu deves”, o leão com “eu

Assomada pelo “tu deves” uma vida-de-professora busca legitimar-se apenas pela utilidade, pois precisa sentir-se bem produtiva tal qual a besta da escrita (COSTA, 2017, p. 17)⁶ que redacionaliza com suas demandas utilitárias de preparação para o futuro o escrever no Ensino Médio. Uma besta convocadora do “[...] espírito robusto e paciente, imbuído de respeito.” (NIETZSCHE, 2013 p. 31), ou seja, de uma vida que tenha dons de limitar o escrever à dimensão utilitária e garantidora de um futuro de sortidos propósitos.

Uma vida-de-professora, não por acaso, assumia, sem contaminação de dúvida, que o seu propósito era suportar o insuportável, calar o incalável, respirar o irrespirável, ou seja, seguir os ditames resignadores do “tu deves” de uma vida que apenas sobrevive, tendo em vista que lendo não escreve e escrevendo não se desafia a escrever com o lido.

Pois bem, ao dar-se conta dessas dores, angústias e incertezas que atravessam uma vida tomada pela redacionalização da escrita e seus afins de correção, reescrita e competição; uma vida-de-professora vê brotar do fundo do olho uma percepção aquosa que insinua diluições do pesadumes oriundos da utilidade e do respeito (NIETZSCHE, 2013) e ensaia diluições por meio de lágrimas de aranhas em pranto.

Importante lembrar que a diluição do “tu deves” curricular em lágrimas de aranhas em pranto está implicada em dar visibilidade aos múltiplos abandonos que uma vida-de-professora arrasta consigo. O abandono do Estado, da família, dos amores; logo, da alegria que não encontra espaço ante aos deveres redacionais sempre renovados de uma vida, pois que tomada pela necessidade de legitimar-se pela utilidade, se abstém de experimentar outras lidações com a escrita no Ensino Médio. Faz-se aquilo que está previsto! Seguem-se os ditames do currículo!

Por certo, que diante da diluição do “tu deves”, uma vida-de-professora permitiu-se o encharcamento com a leitura de Manoel de Barros (2010) e, desse encharcamento, uma zona de vizinhança pelas *inutilidades* de uma língua se afirmou, possibilitando que compreendesse: “[...] escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. *É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido.*” (DELEUZE, 2004, p. 11, grifo nosso).

quero” e, por fim, a criança com o “eu danço”. Cada metamorfose implica na assunção de um modo existência pautada por valores que vão desde o dever resignado do camelo, passando pela liberdade do leão em dizer não ao “tu deves” como condição para poder experimentar pelo esquecimento a inocência, ou seja, tornar-se criança inventando para si o próprio mundo. Nesse sentido que uma vida-de-professora precisou habitar as três metamorfoses do espírito a fim de constituir uma vida de professora-pesquisadora.

- 6 O combate instaurado por Costa (2017) tem como arena a academia que toma o escrever como sinônimo de produção e publicação nos meios editoriais científicos. Os deslocamentos propostos pelo combate à redacionalização da escrita no Ensino Médio; contudo, visa a constituir um escape mínimo a escrita redacionalizada pelas introduções, desenvolvimentos e conclusões ao tomá-la enquanto prática de escrita-biografemática das inutilidades da língua. Em comum temos a necessidade premente de ainda seguir lendo e escrevendo, ou seja, seguir pensando e resistindo aos ditames meritocráticos e produtivos que nos assomam no tempo presente.

Uma passagem de Vida que pode ter a duração de 50 minutos em uma sala de aula. Uma passagem de Vida que pode atravessar uma vida-de-professora fazendo-a também pesquisadora; permitindo ter sempre a mão um alicate cremoso ou ainda um abridor de amanhecer para aqueles momentos ínfimos no qual escrever não serve nem mesmo para remendo, pois que é tão somente uma passagem de Vida.

Assim espremida entre as utilidades redacionais de uma vida e as inutilidades de uma língua, que uma vida de professora-pesquisadora “[...] tendo perdido o mundo, quer ganhar para si o seu mundo” (NIETZSCHE, 2013, p. 35), isto é, busca instaurar um mundo no qual as *inutilidades* de uma língua têm o dom de constitui-se como um escape mínimo para afirmar a vida, na medida em que se situa no interstício onde escrever se faz nas beiradas de um viver que, por sua vez, constitui-se para além de qualquer utilidade infame.

Em meio aos tensionamentos da utilidade infame corporificadas pela escrita redacional, o “tu deves” curricular diluiu-se em lágrimas de aranhas em pranto e possibilitou a emergência do “eu quero”; permitindo a uma vida-de-professora tomar as *inutilidades* da língua para compor os seus delírios de folha seca, da folha em branco com seus clichês, bem como dos restos e dejetos que carregava na algibeira de si.

Nesse *por vir* que uma vida-de-professora, sempre uma vida em vias de se fazer pôde “[...] agitar-se sob as dominações [redacionais], de resistir a tudo que esmaga e aprisiona e de, como processo, abrir um sulco para si” (DELEUZE, 2004, p. 15). Sulco capaz de dar fluxo as *inutilidades* da língua. Lá onde uma vida-de-professora-pesquisadora descobre para si uma estrela toda estragada de vermelho, que insiste em vir pingando *inutilidades* por onde passa; pois tem o dom de dar visibilidade aos escorrimentos líricos com o escrito em uma sala de aula, onde a redacionalização da escrita (e, conseqüentemente da vida) pode ser combatida.

2.2 CENA 2: A REDACIONALIZAÇÃO DA ESCRITA

A partir de uma aula de Língua Portuguesa cujo tema para a redação é a “A Escola Pública: possibilidades e desafios” (essa era a manchete do jornal de domingo daquela semana, apresentando as propostas dos candidatos à Presidência da República), uma vida-de-professora considera importante tomar o ano eleitoral para olhar com atenção e cuidado as precariedades que atravessam o cotidiano da escola - a interdição da sala de vídeo por risco de desabamento era apenas uma das limitações que se impunham ao cotidiano escolar. Como normalmente faz nas aulas de Língua Portuguesa destinada aos ensinamentos redacionais, escreve no quadro o esquema do texto dissertativo-argumentativo e solicita aos estudantes que anotem no bloco de redação algo (um breve enunciado) que executam sem questionar e tomados pelos automatismos escolares, iniciam a escrita de mais uma redação; sempre seguindo a prescrição redacional e professoral. Afinal, na sala de aula, o professor teria o papel de ensinar.

Nessa manhã chuvosa de inverno, contudo, algo se rompeu no (falso) equilíbrio do universo redacional da escrita nesta escola pública. O abalo veio ao modo de pergunta em dois tempos: “Sora, por que a gente só escreve redação?” E seguiu: “Hoje, a gente não podia escrever uma história, uma poesia, ou quem sabe uma música com esse tema?”. Uma vida-de-professora fica muda por alguns instantes que parecem uma eternidade, seu pensamento parece ter fugido e ela corria desesperadamente atrás dele. Queria mesmo poder segurá-lo pelo rabo da razão (embora soubesse que a razão havia sido nocauteada pelo incômodo que aquela pergunta instaurou em toda sala). O que a professora diria, afinal espera-se da professora uma resposta? Uma boa professora sabe responder as inúmeras perguntas que lhe são feitas. Por fim, não sem espanto e com medo, pôde sentir o peso da hesitação assumida na forma das nuvens da manhã chuvosa de inverno que, por segundos, pareciam ter entrado e tomado conta de todos na sala.

Em meio à neblina das dúvidas e das incertezas que tomou a todos e porque alguém perguntou se podia ir ao banheiro, uma vida-de-professora voltou a si e lembrou-se da incômoda pergunta: “Sora, por que a gente só escreve redação?” Pergunta difícil de responder, senão impossível! Mas ainda assim, necessária. Embora soubesse que a redação devia ser mantida; afinal, a escrita redacional atendia aos pressupostos da besta da escrita e de suas demandas de preparação para o futuro de sortidos propósitos da formação escolar de um estudante do Ensino Médio. Para ingressar no mundo acadêmico via universidade pública, o estudante precisa ir bem na redação do ENEM ou ter boa nota na redação proposta no concurso vestibular.

Acontece, porém, que os textos sugeridos pela pergunta incômoda não atendiam aos anseios redacionais importantes para o futuro dos estudantes, pois tais textos não conseguiam desenvolver de modo objetivo e crítico uma temática tão complexa (para ficarmos apenas em uma das condições necessárias aos cumprimentos das exigências redacionais de uma vida). O que fora solicitado era a mais incoerente e absurda ideia: simplesmente, porque seria inviável a preparação dessas vidas para o ENEM sem redacionalizá-las; algo que parecia tão obvio quanto indiscutível.

Quanto despropósito, pensou. Esperava, de fato, não ter deixado escapar aquele sorriso sarcástico e ácido que tomava conta dela quando ouvia bobagens tamanho extra G. De volta à sala de aula (o pensamento redacional estava de novo no comando), percebeu que a turma esperava por uma resposta, ao mesmo tempo em que já se encharcavam da alegria de escrever (des)redacionalmente (alguns já haviam separado os lápis de cor, outros estavam recortando papéis coloridos e um grupo cantarola uma melodia). Constatou que, naquele momento, pouco importava a sua resposta; simplesmente porque não seria ouvida. Os estudantes já haviam percebido que suas vidas não cabiam em um esquema dissertativo-argumentativo, cujas introduções, desenvolvimentos e conclusões, além, claro, de propostas de solução de problemas pareciam não fazer tanto sentido.

Pois bem, restava ainda o exercício de poder que garante a uma vida-de-professora o tão conhecido “domínio de turma”. Foi sem ser ouvida, mas com a certeza

de que a palavra final seria dela que exclamou: “Tudo bem! Redação livre hoje. Mas vou avaliar com uma nota menor; afinal, escrever uma historinha, música ou poesia está mais para a aula de Literatura, né!?”. Essa “*historinha*”, olhado a distância, fere. É como um soco no estômago da professora de Literatura. Como usar esse tom depreciativo para uma narrativa? Afinal, a narrativa pode constituir-se como passagem para uma vida,

Uma passagem de vida. Uma cena. Uma pergunta e um abalo. Apenas uma frase interrogativa encharcada de inocência ainda criancieira - logo, poderosa por demais - abalou o (falso) equilíbrio do universo redacional e teve dons de instaurar dúvidas, desnaturalizar certezas e, portanto, fazer com que uma vida-de-professora se visse impossibilitada de seguir cumprindo os deveres sem fim da escrita redacionalizada, cuja única opção parecia ser, até aquele momento, a escrita de redações.

Se a cena narrada nos convoca a pensar acerca do modo utilitário pelo qual a escrita constitui-se no Ensino Médio; então se faz necessário também pensarmos acerca das implicações que esse modo utilitário reverbera em uma vida-de-professora que se vê assomada em fazer do escrever tão somente um instrumento de preparação para o futuro: preparações redacionais para um futuro de competições e sucessos sempre renovados como as propostas de redação.

Nesse sentido, as demandas utilitárias da escrita redacionalizada tomam também uma vida-de-professora que, diante de um questionamento inesperado e desestabilizador passa a questionar a si própria; porque bem sabe que uma escrita redacionalizada se constitui sobretudo pelo seu caráter prescritivo, efetivado pelas introduções, desenvolvimentos e conclusões.

A prescrição inerente à redacionalização da escrita muito se assemelha às prescrições medicamentosas que tomam cada vez mais força no presente. Basta pensarmos que ao seguir o esquema dissertativo-argumentativo, os estudantes dispõem de uma posologia de introduções, desenvolvimentos e conclusões, que acenam com as garantias do desempenho redacional da escrita e, por conseguinte, dos seus sortidos propósitos de sucesso profissional.

Desse modo, a redacionalização da escrita se aproxima em muito das promessas sempre renovadas que a cultura da medicalização da infância⁷ (FARIA; MENDONÇA, 2018) tem nos oferecido, com vistas à solução das dores, angústias e incertezas inerentes ao viver infantil, mas que em muito se assemelha ao que é efetivado pela redacionalização da escrita.

Contudo, a medicalização da vida pode ser facilmente questionada quando percebemos que quanto mais investimos nas soluções em cápsulas, menos investimento temos para com o cuidado conosco; possivelmente, porque ao colocarmos todas

7 Segundo os autores, vivemos atualmente um tempo de profunda desatenção conosco, com os outros e sobretudo em relação às crianças, que passam a ser vistas pelos adultos como hiperativas, ou seja, um apresentam problemas de comportamento cujas soluções medicamentosas vêm sendo amplamente utilizadas. Nesse sentido, que a relação de atenção com a infância vem sendo tratada de forma simplista cujas soluções em cápsulas têm sido a única opção para o enfrentamento desse estado de coisas. Portanto, a prescrição medicamentosa apresenta-se como naturalizada.

as nossas expectativas em soluções medicamentosas eximimo-nos de pensar, de agir e, portanto, de tensionar as objetivâncias utilitárias, eficientes e competitivas de uma vida aparelhada para a produtividade e para um futuro de sortidos sucessos.

Medicalizar a vida e redacionalizar a escrita, nesse sentido, ganha pontos de contato no que tange a obtenção de soluções simplistas para questões complexas; tendo em vista que a vizinhança entre esses dois modos de lidação com a vida está em afirmarmos apenas uma única possibilidade: a prescrição. A medicalização da vida implica buscar no remédio a solução para as dores, as angústias e incertezas que o tempo presente nos convoca a viver; enquanto a redacionalização da escrita, por sua vez, se apóia na redação como garantidora de um futuro para as vidas de estudante. Enquanto medicalização da vida prescreve o remédio como solução para as dores, angústias e incertezas do viver; a redacionalização promete um esquema garantidor dos sucessos redacionais.

Logo, a escrita da redação no Ensino Médio pode ser compreendida enquanto o único “remédio” com o qual os estudantes podem contar diante dos reguladores meritocráticos, tendo em vista que a redação tem um peso importante no ENEM. Logo, um bom desempenho redacional garante aos estudantes o acesso à Universidade. Se por um lado, a redação pode ser compreendida como a garantidora de um bom desempenho no exame; por outro, a própria redação faz proliferar as dores, as angústias e as incertezas; constituindo-se, ao mesmo tempo, como o “remédio” e o “veneno” de um futuro de uma vida-de-estudante.

No entanto, quando uma vida-de-professora-pesquisadora, em meio a tal estado de coisas, chega a ser fonte de si mesma e engendra um combate à redacionalização da escrita pela escritura-biografemática das *inutilidades* da língua, pôde experimentar os trapos, os restos e dejetos de uma escrita que tem no “[...] esquecimento, [o] novo começar, jogo, roda que gira sobre si mesma, primeiro movimento de santa afirmação.” (NIETZSCHE 2013, p. 32).

Um combate por meio da escritura-biografemáticas das inutilidades de uma língua é, portanto, um exercício de resistência de uma vida-de-professora-pesquisadora que já não pode seguir redacionalizando a escrita e, por conseguinte, a sua vida e a de seus estudantes.

3 UM COMBATE PELA ESCRITURA–BIOGRAFEMÁTICA DAS INUTILIDADES

Perdoai. Mas eu preciso ser Outros.
(Manoel de Barros, 1998, p. 79)

Um combate pela escritura-biografemática das inutilidades toma a sala de aula, a fim tensionar a besta da escrita (COSTA, 2017) e seus sortidos propósitos de preparação para o futuro. Embora o combate de uma vida-de-professora-pesquisadora possa habitar outros espaç os nos quais a utilidade, a eficiência e a competição sejam os únicos legitimadores do escrever, ela foi tramada para habitar a sala de aula do Ensino Médio.

Ao oferecer abrigo para problematizar as demandas úteis e preparadoras do futuro redacional de uma vida, temos a possibilidade de questionar a dupla: utilidade e futuro, que andam sempre de mãos dadas no ambiente escolar e almejam desconsiderar o que se passa no aqui e no agora das vidas com elas implicadas.

Em nome da dupla, utilidade e futuro, legitimamos a obliteração do presente; a medida que só há espaço para a preparação de uma vida no futuro e não para a vida que teima em escorrer no presente. Tomar a escrita como prática de escritura-biografemática das *inutilidades* da língua implica tramar pela escrita (BARTHES, 2004, 2012, 2013) ao modo de biografema (BARTHES, 2003) um combate (COSTA, 2017) à redacionalização da escrita, a fim de empreendermos um “[...] *exercício de resistência às formas*, visto que se faz eminentemente em uma relação de forças – as formas, inclusive, são derivações destas mesmas relações.” (COSTA, 2017, p. 14, grifo do autor).

Ao tensionarmos a “forma” redacional que toma o escrever no Ensino Médio e suas demandas de utilidade e preparação para um futuro de sortidos sucessos, instauramos um escape mínimo a esse estado de coisas quase cristalizadas. Quando junto à Costa (2017), engendramos um combate pela escritura-biografemática das *inutilidades*, intentamos estabelecer uma lidação outra com vistas a se constituir um escape mínimo à redacionalização da escrita no Ensino Médio. Um combate pela escritura-biografemática das *inutilidades* permite justamente a experimentação de uma certa vadiagem com a escrita; resistindo, desse modo, ao domínio prescritivo das introduções, desenvolvimentos e conclusões (sem esquecer, claro, da proposta de intervenção social; afinal, é preciso estar aparelhado também para a solução de problemas).

A escritura-biografemática das *inutilidades* enquanto combate instaura condições e possibilidades para encantamentos linguais, para o escorrimento lírico, para os delírios de folha seca ou ainda para a escrita que não vale nota, mas vale reserva de vida (MARUJU, 2018); permite criar condições e possibilidades para se constituir em meio a redacionalização da escrita uma linha vazante que toma as *inutilidades* da língua, a fim de dar visibilidade para os restos, os remendos, os imprestáveis e os invisíveis da escrita no Ensino Médio.

Em termos didáticos, o combate de uma vida-de-professora-pesquisadora à redacionalização da escrita constitui-se pela junção de duas trincheiras: a do escape mínimo pelos traços das *inutilidades* da língua e pelo tensionamento teórico empreendido pela escritura-biografemática.

A primeira trincheira constitui-se pelo encharcamento de uma vida-de-professora-pesquisadora com a da escritura do poeta Manoel de Barros (2010) em suas perscrutações dos restos, detritos, trapos e folhas secas de nuvens. Lendo, relendo, (des)lendo a escritura manoesca foi possível “extrair” os traços das *inutilidades*, ou seja, o elemento singular para a constituição de um escape mínimo à redacionalização da escrita. Um escape mínimo pelas *inutilidades* da língua permite criarmos uma linha vazante capaz de desestabilizar o equilíbrio do universo redacional. Os traços de *inutilidades*, nesse sentido, assemelham-se àquelas bombas caseiras, de pequena abrangência, impacto fraco, mas que produzem fissuras, ranhuras e

desestabilizam as certezas até então inquestionáveis quando tematizamos a escrita da redação no Ensino Médio.

Já na segunda trincheira, contamos com a constituição de um terreno teórico-conceitual para a feitura das experimentações com os traços das inutilidades da língua. Experimentações que são possibilitadas pela escritura e pelo biografema, isto é, a escritura-biografemática, que toma a vida como matéria. A partir da escritura, temos a possibilidade de experimentarmos a leitura e a escrita enquanto práticas indissociáveis. Práticas que tomam a leitura como possibilidade para a escrita, pois que faz do ler algo irrespeitoso e, ao mesmo tempo, apaixonado (BARTHES, 2012, p. 26). Assim, quando a escritura se compõe com o biografema, temos a possibilidade de ler e escrever com o

[...] minúsculo que nos *punge* [...]. Ao invés daquilo que é exemplar, ilustrativo e explicativo, o biografema testemunha o traço insignificante produzido pelo que foge, por aquilo que é comum e ordinário em uma vida. (COSTA, 2011, p. 12, grifo nosso).

O traço insignificante das *inutilidades* é justamente esse minúsculo testemunhado pelo biografema. Um testemunho singular de uma vida-de-professora-pesquisadora que *ousou* escrever com as *inutilidades* da língua. Assim, ao tomar o biografema como uma estratégia implicada ao ler e escrever com vistas a instaurar interstícios de singularidades entre vividos acostumados e costumeiros de uma escrita, ou seja, pelas cenas biografemadas de uma vida-de-professora-pesquisadora, estabelecemos encontros com as descontinuidades dos vividos, por vezes, escondidos, apagados, em sala de aula.

Portanto, o combate de uma vida-de-professora-pesquisadora à redacionalização da escrita instaura-se por meio de duas trincheiras que conjuga a um só tempo o tensionamento teórico-conceitual da escritura e o biografema, a fim de dar visibilidade aos traços insignificante das *inutilidades* de uma língua. A partir dessas trincheiras, um exercício de resistência (com todo pavor e terror de fazê-lo em tempos de um Brasil disseminado pelo microfascismo, que também atravessa a língua) pela escritura-biografemática das *inutilidades* da língua surge como possibilidade de instaurar um escape mínimo às preparações para o futuro em meio a habilidades e competências gramaticais.

Ora, a assunção de um combate pela escritura-biografemática das inutilidades da língua está implicada em deslocar a escrita da costumeira e acostuada lidação de falar sobre (dissertar), da necessidade sempre premente de explicações e justificativas; simplesmente porque a escritura tensiona as práticas de escritas prescritivas. A escritura constitui-se justamente como essa prática de escrita como combate (COSTA, 2017). Um combate que tem nos traços das *inutilidades* a condição e a possibilidade de tensionar a redacionalização da escrita no Ensino Médio, porque trama pelas cenas-biografemáticas, isto é, pelos fragmentos dos vividos em sala de aula as insignificâncias de uma língua; logo as suas inutilidades.

Não podemos desconsiderar a legitimidade que a escrita redacional assume para os estudantes do Ensino Médio. Afinal, é inegável a importância das habilidades de escrita voltadas às introduções, aos desenvolvimentos e conclusões; contudo sabemos igualmente da necessidade de “[...] nos tornarmos mais atentos e

sensíveis diante do que lemos e escrevermos, *despertos* diante da trágica duplicidade da palavra, o que já nos parece um empreendimento e tanto.” (COSTA, 2017, p. 22, grifo nosso).

Estarmos *despertos* aos traços de *inutilidade* de uma língua significa estarmos atentos ao exercício sempre renovado de fazer escolhas, estabelecer composições entre ler e escrever (compreendido como prática da escritura) e buscar alianças com os traços singularizadores que transbordam as demandas utilitárias, ou seja, investir em experiências de escrita que nos tomam pelos avessos, pelas dobras e, portanto, constituem-se em escapes mínimo aos sortidos propósitos da besta da escrita.

(IN)CONCLUSÃO

Eu penso renovar o homem usando borboletas.
(Manoel de Barros, 1998, p. 79)

A exemplo do poema que usamos como epígrafe das partes que constituem esse estudo, também uma vida-de-professora-pesquisadora vai sendo tecida pela sua incompletude, pela necessidade de ser Outros, de se renovar a cada aula que ministra, em cada sala que adentra, por vezes, sem pedir licença e coloca sua vida em relação a cada uma das outras vidas que estão sentadas, alinhadas nas carteiras da sala de aula.

Nesses encontros que tomam uma vida em suas variadas distâncias, apegos e agruras, que uma vida-de-professora-pesquisadora vasculhou as inutilidades da língua – e concebeu pela escritura -biografemática das *inutilidades*, um escape mínimo às instrumentalidades redacionais cuja preparação infundável para um futuro de sortido propósitos (ou despropósitos) oblitera as possibilidades de escrever, aparentemente, para nada.

Desse modo, ocorreu a uma-vida-de-professora-pesquisadora dar nascimento, antesmente de saber se seria possível ou mesmo viável um combate à redacionalização da escrita no Ensino Médio. Um combate que toma os fragmentos dos vividos de uma determinada turma, em uma escola pública, em um bairro da periferia de um município do interior do RS. Um combate que tensiona a escrita usada *apenas* como instrumento para a feitura de introduções, desenvolvimentos e conclusões; sem esquecer, claro, das propostas de soluções de problemas.

Aconteceu, porém, que tal combate transbordou os limites redacionais da escrita com estudantes, para contaminar a sua própria vida; na medida em que uma vida-de-professora passou a questionar o “tu deves” curricular, nesse caso, as predominâncias redacionais e seus rituais de correção e de reescrita.

Diante da impossibilidade de seguir apenas suportando as pesadas cargas da besta da escrita que uma vida-de-professora assumiu para si uma estrela toda estragada, que insiste em ir pingando *inutilidades* por onde passa; pois que tem o dom de dar visibilidade aos escorrimentos líricos com o escrito em uma sala de aula, onde a redacionalização da escrita pode ser combatida.

Para uma vida-de-professora-pesquisadora produzir um combate à redacionalização da escrita, foi preciso tropeçar diante das certezas e afins que carrega na algibeira de si e, de igual modo, não paralisar diante do queixume, do “tu deves” curricular e seguir deixando escorrer pelo escrever as *inutilidades* de uma língua e de uma vida que pulsa para além dos deveres pré-determinados da escrita redacionalizada.

Tramar um combate pela escritura-biografemática das inutilidades exige exercício de coragem diante do “tu deves” para poder brincar *no* e *com* o terreno baldio que também pode ser uma sala de aula (des)redacionalizada. Um espaço tomado pela escrita de introduções, desenvolvimentos e conclusões, mas onde também é possível (ver) *viçar*, em meio ao escorrimento lírico das *inutilidades*, as chuvas, as tardes, os ventos e as lágrimas de aranhas em pranto

O combate à redacionalização da escrita assume a necessidade de também escrevermos para nada útil, necessário ou ainda indispensável. Implica, pois, escrever para dar visibilidade às *inutilidades* de uma vida que não pode mais sustentar-se apenas das utilidades redacionais.

Estamos cientes de que a redacionalização da escrita no Ensino Médio se retroalimenta em meio às demandas utilitárias, sempre renovadas como as propostas de redação; a medida que escrever de modo satisfatório nessa etapa da Educação Básica implica escrever redacionalmente e, portanto, faz-se necessário ter sempre a mão uma redação a ser escrita. Entretanto, a redacionalização pelo seu caráter prescritivo estabelece vizinhança com a medicalização da vida; pois ao seguir o esquema dissertativo-argumentativo, os estudantes dispõem de uma posologia de introduções, desenvolvimentos e conclusões, que acenam com (as) garantias do desempenho redacional da escrita e, por conseguinte, dos seus sortidos propósitos de sucesso profissional. Busca-se a escritura da vida presente, seja do estudante, seja da professora.

As práticas de escrita assumidas enquanto escrituras-biografemáticas, das *inutilidades* da língua, contudo não podem ser compreendidas apenas como um modo “criativo” ou “lúdico” que visa a substituição das práticas redacionais no Ensino Médio. Tal substituição não é o propósito do combate à redacionalização da escrita; a medida que uma vida-de-professora-pesquisadora intenta poder contar com *mais uma experiência* com o ler e o escrever nessa etapa final da Educação Básica. Portanto, o combate à redacionalização da escrita possibilita a um só tempo que as vidas nelas implicadas ousem escrever (des)redacionalmente. Dizendo de outro modo, criam-se condições e possibilidades para práticas que atendam não apenas o futuro de sortidos propósitos, mas coloquem em tela as muitas *inutilidades* que o presente teima em lhes oferecer; ao mesmo tempo em que busca criar condições e possibilidades a uma vida-de-professora não seguir mais de cabeça baixa e de ombros carregados de pesadumes utilitários e tarefeiros do escrever. Não se sustenta mais apenas do ensino, assume para si uma vida-de-professora que também pesquisa e escreve, ou escreve e pesquisa com uma vida.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas para crianças*. São Paulo: Planeta, 2010. 32 p. Iluminuras de Martha Barros.
- _____. *Retrato do artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. 214 p.
- _____. *O grau zero da escrita: seguido de novos ensaios críticos*. Tradução Mario Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Matins Fontes, 2004. 225 p. (Coleção Roland Barthes).
- _____. *O rumor da língua*. Tradução Mario Laranjeira. 3. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2012. 462 p. (Coleção Roland Barthes).
- _____. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro*. Tradução e pós-fácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013. 107 p.
- COSTA, Luciano Bedin da. *Ainda escrever: 58 Combates para uma política do texto*. São Paulo: Lumme Editor, 2017. 74 p. (MóBILE - Coleção de mini-ensaios).
- DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Ed. 34, 2004. p. 11-16.
- _____. A imanência: uma vida. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 2, n. 27, p.10-18, jul./dez. 2002. Quadrienal. Disponível em: Acesso em: 08 out. 2018.
- FARIA, Gabriel Estevo; MENDONÇA, Fernando Wolff. *Medicalização na infância: remédio não educa*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/160-noticias/cepat/580285-medicalizacao-na-infancia-remedio-nao-educa>. Acesso em: 06 jul. 2019.
- MARUJU, Viviane Cristina Pereira dos Santos. *Práticas de leitura literária e escrita no ensino médio: a vida em biografema*. 2018. 98 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratrusta: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013. 404 p. (Vozes de Bolso).
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 159-177.